

**DO SOM DO BERRANTE  
AO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS:  
A CULTURA PANTANEIRA SOB OLHARES INTERTEXTUAIS**

*Arlinda Cantero Dorsa (UCDB-MS)*  
[acdorsa@uol.com.br](mailto:acdorsa@uol.com.br)

***1. A análise crítica do discurso: breves considerações***

O objetivo geral desse trabalho é contribuir com os estudos discursivos da cultura brasileira e os objetivos específicos são de examinar por meio da análise crítica do discurso como a cultura pantaneira é analisada com relação ao apego aos valores tradicionais e o olhar nas mudanças contemporâneas.

Parte-se do pressuposto que a sociedade se define por um conjunto de grupos sociais que se constituem a partir de suas formas de representação mental do mundo; trata-se do vivido que é experienciado para as pessoas e que é representado em língua através do discurso.

Neste sentido, as formas de conhecimento são avaliativas e por não serem constatadas como verdade no mundo, se apresentam como crenças; cada crença é um conhecimento avaliativo e se incorpora à memória social das pessoas pela interação de discursos sociais institucionalizados como eventos discursivos particulares.

Assim sendo, a pesquisa realizada se preocupou em levantar um conjunto de músicas regionais sul pantaneiras que por serem repetidas de geração em geração tornam-se clichês linguísticos para os diferentes grupos sociais da mesma região.

Cada grupo social é definido pelo seu marco de cognição social, ou seja, o conjunto de suas crenças que são veiculadas pelo discurso; estes conhecimentos avaliativos (crenças) são constituídos a partir de um ponto de vista que une os diferentes membros de um mesmo grupo.

Desta forma, entende-se que a cultura define quem somos e quem passamos a ser; logo, a questão dos implícitos culturais é importante para propiciar o exame da identidade cultural de grupos sociais. Como cada grupo social tem um marco de cognição social, os grupos estão em constantes conflitos intergrupais, pois as suas avaliações divergem ao representar o mesmo acontecimento do mundo.

Ainda permanece em aberto a questão da identidade cultural de Mato Grosso do Sul, pois após a divisão do Estado, não se chegou à conclusão sobre os signos que o definem diante da diversidade de fatores que tipificam distinções das influências migratórias internas e externas, das diferenças regionais, sociais e étnicas, que resultou na formação de um povo com características específicas; não obstante, para Silveira (2000) apesar das diversidades “há uma unidade cultural que define uma identidade, uma memória social que converge um conjunto de valores, escolhas e ideias”.

Tem-se como principal pressuposto que as formas pelas quais os membros de um grupo cultural falam entre si, relacionam-se com sua posição na sociedade e com o modo como outros membros de outros grupos sociais da mesma região e de outras regiões falam entre si.

Neste sentido, Van Dijk (1997) afirma que a explicitação dos vínculos entre os modos particulares e institucionais da fala e cultura constrói outro lugar para tratar da identidade cultural, o lugar instituído pelo discurso ao qual se relaciona diretamente com a cultura; aí reside a relação identitária e que está circunscrita nesta investigação, na inter-relação: discurso, sociedade e cognição.

O termo cultura, a partir da inter e multidisciplinaridade adquire complexidade em seu conteúdo definitório, assim sendo é necessário entender que ele abarca a língua, valores sociais, normas, tradições e costumes.

Dessa formação culturalmente híbrida, produto de diversas mesclas interculturais, descendem segundo Nogueira (2009) os senhores dos pantanais: fazendeiros, gerentes de fazenda, capatazes de campo, boia-deiros, peões campeiros, peões praieiros, guieiros, piloteiros, representantes de uma população rarefeita, cada vez mais pressionada para a vida fora dos pantanais, acossados por problemas similares aos que determinam a migração do campo em direção à cidade.

## **2. *A intertextualidade e a progressão semântica***

Quando se trata sobre este tema uma questão emerge e se relaciona à inerência da intertextualidade na produção humana e algumas respostas surgem e se relacionam à ação sempre feita pelo homem de lançar mão do que já foi feito em um determinado tempo contextual.

Outra resposta se relaciona à existência física do texto delimitado em um filme, uma música, uma peça teatral, uma obra literária e que estão sempre dispostos aos diversos olhares, novas criações ou recriações. É importante, dimensionar que cada texto sempre é uma proposta de significação ou ressignificação de sentidos postos à disposição no jogo de olhares entre o autor e o leitor/produto.

Se o clássico conceito sobre intertextualidade de Kristeva (1974, p. 64) de que “todo texto se constrói como mosaico de citações, é absorção e transformação de um texto” e que permite entender não só as diferentes sequenciais de uma estrutura textual precisa como também as advindas de transformações de sequências ou de códigos descobertos em outros textos, é importante reforçar o conceito abrangente de texto feito por Bakhtin (1997), com respeito a toda produção cultural que tenha base a linguagem.

O autor em seus estudos reforçou o conceito de que a linguagem é antes de tudo uma forma de se interagir no mundo, o princípio dialógico bakhtiniano permeia a linguagem e dá sentido ao discurso sempre elaborado a partir da existência de outros discursos.

De acordo com Koch e Travaglia (1997), a diversidade de modos marcada pela intertextualidade envolve fatores atinentes a três esferas relacionadas ao conteúdo, à forma e à tipologia textual.

A esfera do conteúdo vincula-se ao conhecimento de mundo, que permite ao interlocutor o acesso a informações dependentes de um conhecimento prévio que permita economia de tempo no atingimento do conteúdo uma vez que torna dispensáveis explicações acerca do tema desenvolvido bem como a respeito de jargões, vocabulário técnico, enfim, de termos próprios de uma determinada área.

A esfera da forma, por seu turno, refere-se ao aspecto formal de um texto remetendo-se a outra forma textual que lhe seja não só semelhante como também já consagrada no imaginário dos leitores. A forma pode ou não estar vinculada à terceira esfera que abrange a tipologia textual.

Definindo a intertextualidade como as relações explícitas e implícitas que um texto estabelece com os textos que lhe são antecedentes, contemporâneos ou futuros (em potencial), Bazerman (2006, p. 109) traz o conceito de intertextualidade para a área da retórica e dos estudos de letramento, na concepção do autor a intertextualidade “não é vista somente

como uma questão dos outros textos a que um escritor se refere, mas também como esse escritor usa esses textos, para quê os usa e como se posiciona enquanto escritor diante deles para elaborar seus próprios argumentos”.

Ao classificarem a intertextualidade em externa e interna, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 289) fazem a seguinte distinção, a saber: a interna “se estabelece entre discursos do mesmo campo discursivo, ao passo que a externa se estabelece entre discursos de campos discursivos diferentes”.

Quando aceitamos que um texto não é um sistema fechado, somos levados a reconhecer que o autor – o produtor do texto – vem carregado de influências várias, de múltiplas citações. Autores e leitores são resultado de diversas leituras. Se de alguma forma tudo já foi dito no mundo e cabe-nos apenas saber redizer, que saibamos então fazê-lo com engenho e arte.

### **3. *Olhares culturais e intertextuais obtidos***

Tem-se por ponto de partida neste artigo que um dos aspectos culturais e religiosos do homem pantaneiro pode ser observado nas representações discursivas simbólicas que trazem de forma explícita e implícita as crenças, os valores e o espírito de religiosidade demonstrado em ações diversas.

Objetiva-se, portanto, analisar os estudos discursivos da cultura brasileira, examinando nos intertextos relativos a letras de músicas, o diálogo mantido com outros intertextos, na busca de representações textuais e discursivas de aspectos culturais do homem sul pantaneiro, ligados à sua religiosidade.

Nas comunidades pantaneiras tradicionais sempre houve a valorização dos símbolos, responsáveis não só pela continuidade das tradições ali existentes como também pela forma de transmissão que se perpetua de geração a geração.

Percorrendo o pantanal do sul de Mato Grosso, encontra-se a permanência de manifestações culturais em uma rica combinação do português com o indígena, pois, na visão de Proença (2003), “há uma multiplicidade de culturas que influenciaram o homem pantaneiro e juntas passaram a habitar a paisagem do Pantanal e a imaginação do povo”.

Neste contexto, a cultura torna-se uma questão muito pertinente para a investigação discursiva e a busca dos intertextos propicia a possibilidade de um diálogo entre conhecimentos ideológicos e culturais, entendendo-se que a linha divisória entre cultura e ideologia pode ser traçada em cada contemporaneidade, porém, no que se refere às raízes históricas essa divisória flui de forma considerável.

De forma geral, os textos relativos à cultura sul pantaneira são de tradições orais, relativas às benzeções, lendas, lembranças, à vida cotidiana, rituais e festas, entre outros, mas nesse cenário, a cultura pantaneira, da mesma forma que as demais culturas, hoje,

oscila entre o apego aos valores tradicionais, representativos de um modo tradicional de percepção do mundo e o convite às mudanças, ditadas pela nova ordem, que se instaura na nova sociedade, marcada pela “revolução da informática”, que intensificou o processo de globalização e segundo Capra (2002) não afetou apenas as transações relacionadas aos negócios, mas também aperfeiçoou as “redes globais de notícias, artes, ciências, diversões e outras expressões culturais.. (NOGUEIRA, 2009, p.148).

Dentre as composições que pudessem representar em língua um conjunto de questões a serem respondidas e que exigiam progressão semântica intertextual, selecionei a letra musical “Quanta Gente” da autoria do compositor paulista e radicado há mais de vinte anos em Mato Grosso do Sul, Zé Du.

A busca de respostas para as questões existentes no texto-base propicia a defesa que trata a cultura como um depositário de conhecimentos avaliativos na memória social e que se diferencia de conhecimentos ideológicos avaliativos impostos, de forma persistente pelas classes de poder.

Dessa forma, o procedimento de análise neste artigo, segue os seguintes passos: a segmentação do texto-base de forma a resgatar o referente textual, a sua focalização e a sua progressão semântica e a inserção de intertextos na busca da explicitação de implícitos culturais do texto-base e após dos textos intertextualizados.

Nas letras musicais, as categorias analíticas são: valores contidos nas formas de representação em língua e recursos linguísticos utilizados pelos autores. Nos textos dos interdiscursos, as categorias analíticas são: esquema textual utilizado pelo autor, valores contidos nas formas de representação em língua de discursos públicos institucionalizados.

Sendo assim, o texto base é a seguinte letra musical: “Quanta Gente”, de Zé Du

Quanta gente tanta  
De pioneira coragem  
De tribos com terra santa  
Com festa e dor na bagagem.

Quem foi que expulsou o índio?  
Quem lutou com o Paraguai?  
Quem derrubou a mata?  
Quem cultivou o cultivar?

Quem ganhou o latifúndio?  
Quem veio para trabalhar?  
Viu tanto trecho de Campo Grande  
Grande de se admirar

Quem não te viu Bonito  
As águas claras de um rio  
Um peixe, um tucano, uma onça  
Tatu, onde que tu tá?

Tanta gente quanta  
Hoje sorri no teu colo  
Nem sabe da história tanta  
Vivida neste teu solo.

O texto base “Quanta Gente” traz representado em língua a narrativa sintética da povoação da terra sul-mato-grossense:

Enunciado narrativo 1:

-Situação Inicial:

O passado histórico da região: a população indígena, grandes extensões de terras com capacidade de produção e beleza natural, presença de animais, Terra Santa.

-Fazer Transformador:

A chegada das pessoas de pioneira coragem em busca de uma vida melhor; lutas para conquista; cultivo desordenado de grãos, derrubada das matas, etnia variada.

-Situação Final:

expulsão dos índios e destruição da natureza, realização econômica, ignorância da história regional.

Enunciado narrativo 2:

- Situação Inicial:

A terra sul-mato-grossense é representada com valor (+), Terra Santa, por palavras hipônimas *Campo Grande, grande de se admirar, Bonito- as águas claras de um rio, um peixe, um tucano, uma onça.*

-Fazer Transformador:

A chegada de pessoas para povoar a região. A representação em língua tem avaliação positiva; *gente de pioneira coragem, que te buscou com festa e dor na bagagem.* O fazer desta gente é representado de forma negativa, na medida em que expulsa os nativos; luta por extensões maiores de terra; causa mortes e prejuízos; depreda a natureza com a derrubada de matas e ocupa irregularmente grandes extensões de terra; transforma as terras em latifúndio; a demanda de mão de obra nos latifúndios para criação extensiva do gado e por vezes para o cultivo de grãos.

-Situação Final:

A terra sul-mato-grossense é representada por duas metonímias: Campo Grande – região da capital do novo Estado; a designação lexical contém valor positivo pela extensão das terras; O valor positivo refere-se a grande extensão de terra e o valor negativo a mesma grande extensão de terra povoada irregularmente por etnias diferentes e interesses múltiplos. Bonito – região atualmente turística devido à beleza natural.

O valor positivo volta-se à beleza natural da terra e o negativo à depredação da natureza-“tatu, onde tu tá?” Ambas as representações metonímicas são positivas, porém, são construídas em paradoxos na medida em que ao mesmo tempo contêm valor positivo e negativo: A grande quantidade de pessoas de etnias variada que habitam atualmente, a terra do Mato Grosso do Sul é representada de forma negativa na medida em que exploram a região e desconhecem a sua história.

A partir da representação paradoxal das pessoas que habitam atualmente, as terras sul-mato-grossenses, o autor representa em língua, diferentes questões que devido à ignorância da história acontecida na região, as pessoas que lá habitam não conseguem responder.

A partir do texto base, o objetivo foi selecionar e responder a partir de formas de tratamentos discursivos diferentes, uma das questões explicitadas: Quem cultivou o cultivar?

Embora tenha sido feita a pesquisa de letras musicais regionais do Mato Grosso do Sul, relativas ao cultivo regional com a derrubada da mata, não foi encontrada nenhuma letra que traga representado o momento das origens deste Estado. Estas são relativas à mineração e aos engenhos de açúcar, instalados às margens do rio Paraguai, não há também representação em língua da erva mate local.

Este resultado de pesquisa propicia dizer que o que é relativo à mineração, aos engenhos de açúcar e à extração da erva mate não está representado nas tradições histórico-culturais do homem sul pantaneiro presentes nas letras musicais sul pantaneiras e sim a atividade pastoril e a criação extensiva de gado.

As referências a este momento se encontram nos demais interdiscursos que serão apresentados a seguir. As letras musicais trazem, portanto, representado em língua, o universo pantaneiro sendo que alguns componentes importantes emergem num movimento de ir e vir, onde o lar é o seu ponto de partida e volta.

As características culturais do peão boiadeiro se fazem presentes na lida pantaneira, nas indumentárias, em seu lazer, nos hábitos, crenças e valores que trazem uma somatória das influências diversas que receberam os sul-mato-grossenses pantaneiros.

A letra musical Peão Pantaneiro de Aral Cardoso intertextualiza-se, portanto com o texto base:

De manhã cedinho, quando o sol desponta  
Pego o meu cavalo raça pantaneira  
Ouço a seriema e o quero- quero  
Que ficam cantando bem junto à porteira.  
O meu velho apeio tem muitas argolas  
É todo trançado de focinho a cola  
Tomo tereré, tomo chimarrão  
Levo o meu destino na palma da mão.  
Tenho um cachorro que é um companheiro

E nas comitivas é o melhor vaqueiro  
Uso bom pelego pra aliviar o trote  
Se a viagem é longa, conto com a sorte.  
Tempo de festança ao som da viola  
Danço o siriri e o cururu  
Polca paraguaia toca a noite inteira  
Enquanto a peonada levanta poeira.  
Saio para o campo de olhar atento  
Pra contar boiada, não uso instrumento



A lida é dura para o pantaneiro  
Pois vaca alongada não para em mangueiro.  
Todo o fim do dia quando o sol se põe  
Olhando pro céu eu faço um sinal  
Pedindo a Deus para que abençoe  
Este santuário que é o meu pantanal.

Este intertexto progride semanticamente de forma descritiva, a focalização das ações cotidianas que caracterizam a vida do homem pantaneiro, no movimento do ir e vir da casa ao campo e que representam a lida pantaneira. Esse intertexto está organizado pelo esquema textual do descritivo e está construído, por dois blocos:

#### **Estrutura textual descritiva:**

- Bloco I -

O pantaneiro em suas ações cotidianas tendo por lugar na sua casa na fazenda: “tomo tererê”, “tomo chimarrão”.

- Bloco II -

O peão nas lidas pantaneiras no campo da fazenda, após a porteira: “tenho um cachorro que é companheiro”, uso bom pelego, saio para o campo, o meu velho apeio tem muitas argolas: “se a viagem é longa conto com a sorte”, “pra contar boiada não uso instrumento”.

Os dois blocos descritivos estão ancorados no movimento cultural do “ir e vir” do cotidiano dos fazeres do homem pantaneiro assim caracterizados: pelo Ir: da casa da fazenda para o campo onde realiza uma série de ações “ e pelo Vir: do campo para sua casa na fazenda, volta-se a Deus em oração para abençoar este santuário que é o Pantanal.

Os intertextos permitem que se explicita para esses segmentos a miscigenação de crenças religiosas: – Mouro – A expressão linguística “destino na palma da mão” explicita a crença moura de que o destino do homem está traçado nas linhas da palma da mão. Esta é objeto de leitura para uma cigana, pois contar com a sorte implica cumprir o destino com felicidade. – Índio – O destino na crença indígena regional, é traçado antes de nascer e para que ele possa ser realizado com felicidade, a sorte decorre do respeito e bom relacionamento do homem com a natureza. – Cristão católico – Para ele, não há destino nem sorte, o homem é livre para tomar decisões e por essa razão, quando infringe as leis da Igreja peca e precisa de absolvição. Deus, Jesus e Nossa Senhora e demais santos são responsáveis por proteger o homem e conduzi-lo a tomar boas decisões.

Essas três crenças estão miscigenadas na religiosidade da cultura pantaneira. Na tradição cultural pantaneira, a expressão “santuário” é metáfora de Pantanal, legitimada pelo pantaneiro que o considera um lugar sagrado, “depositário de crenças”.

A expressão “lida” designa na linguagem do dicionário, <luta, afã, trabalho>; na tradição cultural pantaneira, sintetiza um conjunto de ações da vida de um peão. Peão – representação de vida no Pantanal. O intertexto explicita um conjunto de conhecimentos relativos à designação “peão” com valor positivo. Essa explicitação é de implícitos culturais e não está contida no verbete “peão”, enquanto vocábulo. A expressão “peão” é designada como <*homem que se ajusta para o serviço do campo; serviçal de estância, amansador de animais de sela*> e na tradição cultural pantaneira, sintetiza a crença local do homem que povoa o Pantanal Sul. Em relação aos demais homens / mulheres e seus fazeres, “peão é uma metonímia para representar a lida pantaneira”, no seu ir e vir.

Em síntese, o cavalo e o campeador têm suas raízes culturais na Espanha, passa pelos guaicurus e se mantém na contemporaneidade no peão. Tanto o campeador espanhol quanto o guaicuru são representados como heróis (guerreiros lutadores e hábeis cavaleiros), de forma a se manter como conhecimento cultural na representação do peão que devido à índole pacífica do guarani constrói novas significações para o homem sul pantaneiro.

O intertexto é expandido pelo intertexto, Comitiva Esperança de Almir Sater e Paulo Simões focalizada no “Ir” no momento da vazante pantaneira, que propicia o transporte da boiada.

Nossa viagem não é ligeira  
Ninguém tem pressa de chegar  
A nossa estrada é boiadeira  
Não interessa onde vai dar  
Onde a Comitiva Esperança  
Chega já começa a festança  
Através do Rio Negro,  
Nhecolândia e Paiaguás  
Vai descendo o Piquiri  
O São Lourenço e o Paraguai.  
Tá de passagem, abre a porteira  
Conforme for, pra pernoitar  
Se é gente boa, hospitaleira  
A comitiva vai tocar  
Moda ligeira que é uma doideira  
Assanha o povo e vai dançar  
Ou moda lenta que faz sonhar

Quando a Comitiva Esperança  
Chega já começa a festança  
Através do Rio Negro  
Nhocolândia e Paiaguás  
Vai descendo o Piquiri  
O São Lourenço e o Paraguai.  
É tempo bão que tava por lá  
Nem vontade de regressar  
Só voltamos vou confessar  
É que as águas chegavam em janeiro  
Deslocamos um barco ligeiro  
Fomos pra Corumbá.

Este intertexto progride semanticamente a narrativa histórica da terra sul-mato-grossense e está organizado pelo seguinte enunciado narrativo:

Enunciado narrativo 1:

A comitiva pantaneira na fazenda. - Fazer Transformador: O Ir na vazante sul pantaneira . Situação Final: A Comitiva e boiada chegam no lugar de venda.

Enunciado narrativo 02:

Situação Inicial: Comitiva e boiada no lugar de venda. Fazer Transformador: Começo da cheia. Situação Final: o Vir no começo da enchente sul pantaneira.

Os autores representam em língua valores positivos atribuídos ao Ir devido à vazante sul pantaneira que permite o encontro de pessoas, festas e danças regionais, utiliza os recursos linguísticos da metáfora: A comitiva pantaneira é designação de um grupo que tem diferentes fazeres, mas todos orientados para a mesma finalidade, levar a boiada,

Os recursos linguísticos verbais maximizam os valores positivos de “Ir” “nossa viagem não é ligeira”, “ninguém tem pressa de chegar”, “onde a comitiva chega”, “já começa a festança”; “para pernoitar”, “se é gente boa e hospitaleira, a comitiva vai tocar”, “moda ligeira” e “vai dançar” ou “moda lenta que faz sonhar”; “é tempo bão que tava por lá nem vontade de regressar

O 2º enunciado narrativo é construído com a seleção de três verbos: “é que as águas chegam em janeiro”; “deslocamos um barco ligeiro”, “fomos para Corumbá”. O Ir a cavalo mantém a tradição dos guaicurús e o Ir de barco a dos Paiaguás.

Os fazeres dos membros da comitiva são representados em língua com avaliação positiva, pois agem como expressão cultural de um povo que possui uma convivência feliz e hospitaleira, acolhedora e barulhenta quando surgem estas ocasiões especiais e por representarem o meio mais tradicional de condução de gado utilizado na região pantaneira.

Enquanto formas e conhecimentos culturais, algumas expressões assumem no pantanal uma significação diferenciada: o segmento linguístico “comitiva”, de acordo com o *Dicionário Larousse Cultural* (lat. comitiva) significa <grupo de pessoas que acompanham> na linguagem do pantanal identifica a condução de boiada em que prevalece de forma hierárquica, uma divisão de responsabilidades. O segmento linguístico “Abrir a porteira”, na linguagem do dicionário, porteira significa <portão móvel que fecha a entrada de uma propriedade rural>. Na linguagem do pantanal, impregna-se de misticismo, pois, se refere a um local mal-assombrado propício à aparição de seres de outros mundos dispostos a molestar a quem ousa cruzá-los após o entardecer.

A comitiva pantaneira, em seu movimento de ir e vir atravessa uma região que se estende por Mato Grosso do Sul, reconhecida na região pantaneira pelo nome de: Pantanal do Aquidauana, do Miranda, do Taboco, de Nhecolândia, do Paiguás, do Tereré, do Nabileque, do Paraguai, do Abobral, do Rio Negro, do Jacadigo.

Sendo assim, a comitiva pantaneira representa a designação “Travessia”, que assume valor positivo ao retratar o movimento das comitivas como uma cultura arraigada aos hábitos pantaneiros e associada ao contexto de alegria, apego aos hábitos e ânsia de mobilidade presente nos membros das comitivas.

Os grupos sociais relativos ao Pantanal são definidos pelos seus conhecimentos avaliativos e pela forma como os membros de um grupo cultural falam entre si e são: os membros das comitivas: aliam trabalho à diversão, pois a estrada é o seu próprio mundo, os donos de fazenda cuja preocupação central é a manutenção da fazenda e o lucro com a venda do gado, os capatazes, bons negociadores, na ausência dos donos de fazenda assumem o seu lugar.

O contexto local é relevante, pois por meio dele podemos situar o momento focalizado, pois, ao aludirem à Comitiva Esperança, os autores nos remetem a duas situações: - Momento focalizado: resultante de um projeto patrocinado pelo governo do Estado, para que os autores Almir

Sater e Paulo Simões, junto a outros artistas realizassem um documentário sobre a viagem a cavalo e lombo de burros das comitivas pantaneiras.

-Momento de criação:

O intertexto explicita a viagem das comitivas pantaneiras como representação efetiva dos hábitos e costumes presentes na vida pantaneira.

Este projeto compreendeu o período entre novembro de 1983 e fevereiro de 1984, e a comitiva era formada pelos compositores, o maestro e violonista Zé Gomes, o jornalista Zuza Homem de Melo e o fotógrafo Raimundo Alves Filho com o objetivo de percorrer o Pantanal do Paiaguás, Nhecolândia, São Lourenço Abobral e Piquiri.

Este intertexto busca resgatar as tradições culturais sul pantaneiras antes que elas se modifiquem com a chegada da eletricidade e dos meios de comunicação na região, levados pela “dicotomia do progresso”.

A influência paraguaia é notória na culinária e na música. Depois da Guerra do Paraguai, muitos paraguaios não encontrando meios de sobrevivência no seu País, vieram para o Brasil trabalhar na lavoura e na pecuária, introduzindo seus costumes, influenciando, inclusive, no linguajar do pantaneiro do sul. Na música deixaram as guarânias, as polcas, os chamamés. Na culinária deixaram o puchero, a sopa-paraguaia, a chipa, também deixaram o hábito de tomar tereré, que é o mate dos gaúchos tomado com água fria.

[..]

Da Bolívia vieram várias contribuições entre as quais o arroz-boliviano, e ainda a saltena. O cuiabano, o livramentano, o poconeano, quando desceram para povoar o Sul trouxeram, além dos seus hábitos, as suas comidas, como a farofa com a banana, a farofa de carne, o caribéu (carne seca com mandioca), o quibebe com mamão, o doce cristalizado, o licor de piqui, o pacu assado, frito ou ensopado. (BARROS, 1977, p. 159-160)

O recorte apresenta o intertexto com uma estrutura textual do tipo explicativo e progride semanticamente pela apresentação de informações das partes (traços culturais diversificados) que compõe o todo (cultura sul-pantaneira):

- A influência da cultura indígena:

Hábitos:

“dormir em rede”, “tomar banho sempre que possível em corixos ou rios”, “andar descalço”, “falar pausadamente”, “respeito aos animais”; “a arte das mulheres de tecer redes nos teares”; “o gosto de andar a cavalo”; “o desgosto pela enxada, pela lavoura”.

Costumes:

certas desconfianças e cismas, a mania de concordar com tudo pa-

ra livrar-se do interrogatório ou agradecer o interlocutor, a timidez, o amor à liberdade.

A influência paraguaia na culinária e na música pantaneira: hábitos musicais: ouvir guarânias, polcas e os chamamés; hábitos culinários: o arroz carreteiro, a chipa e tereré. A influência boliviana vem dos hábitos culinários: o arroz-boliviano e a saltena. Da influência cuiabana, livramentana e poconeana do antigo Mato Grosso vem os hábitos culinários: farofa de banana, a farofa de carne, o caribéu (carne seca com mandioca).

Logo, este intertexto progrida semanticamente, os intertextos já analisados, a fim de explicitar informações a respeito das diferentes contribuições culturais que se condensam na cultura sul pantaneira, sintetizada pela designação do intertexto anterior “sentimento de superioridade” do vaqueiro-pantaneiro, devido às suas “múltiplas habilidades”.

Com relação à contemporaneidade, ao se referir às comitivas boiadeiras, na lembrança de muitos peões, ainda estão vivas nas travessias de até vinte mil bois, do Paraguai para São Paulo, conforme Nogueira (2003, p.113); esse trabalho desempenhado pelas comitivas ao longo dos tempos está sendo substituído pelos caminhões-boiadeiros pelas estradas brasileiras. Enquanto os caminhões, as gaiolas, os boieiros vão, aos poucos, substituindo uma tradição de séculos, os berrantes, dependurados nas paredes das salas de visitas ou nas varandas, testemunham, calados, o desaparecimento de mais um costume típico, devorado pelas garras do progresso, que substituíram os tropeiros e os boiadeiros pelos caminhoneiros. (NOGUEIRA, 2002, p. 11)

As mudanças chegaram, as fazendas foram rapidamente divididas, seja por sucessão hereditária, pela "reforma agrária familiar" - a retaliação das antes, imensas fazendas para contemplar os direitos dos muitos herdeiros dos grandes fazendeiros, seja pela chegada dos “novos”. (BARROS, 1998)

Para Nogueira (2009), o pantanal das novas tecnologias é hoje uma realidade, seja pela invasão da tecnologia e da mecanização, o êxodo dos fazendeiros típicos para as cidades, a chegada dos neopantaneiros, a implantação do ecoturismo em algumas fazendas, a implantação da internet, celulares, rádio e televisão, as fazendas transformadas em pousadas, o período de transição do “culto o tradicional” para a “adesão às novidades”, o contexto da globalização trouxe novos olhares, novas configurações sociais, históricas, econômicas e culturais.

#### 4. Considerações finais

Este artigo teve por hipótese prioritária que as categorias analíticas: discurso, sociedade e cognição, estendem-se para a análise das representações mentais e linguísticas enquanto organização de conhecimentos avaliativos e crenças culturais e como hipótese secundária, o movimento de ir e vir por grandes extensões geográficas, que guiam as ações do homem sul pantaneiro. Os intertextos musicais progridem semanticamente um em relação ao outro de forma a dar adesão e complementação sêmica. Dessa forma, os textos de letras musicais mostram-se adequados para o tratamento dos valores culturais regionais.

As letras musicais representam os valores culturais transmitidos de geração a geração pela tradição oral. Embora tenha havido miscigenação de culturas locais, a tradição dos Guaranis, Paiaguás e Guaicurus mantêm os valores positivos atribuídos aos primeiros povos que habitaram a região com a tradição do tereré, o culto ao cavalo, à canoa, à natureza e às formas de cura pelas ervas.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAZERMAN, Charles. Intertextualidades: Volosinov, Bakhtin, teoria literária e estudos de letramento. In: \_\_\_\_\_. *Escrita, gênero e interação social*. São Paulo: Cortez, 2007, p. 92-109.

\_\_\_\_\_. Intertextualidade: como os textos se apoiam em outros textos. In: \_\_\_\_\_. *Gênero, agência e escrita*. São Paulo: Cortez, 2006, p. 87-103.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo, Contexto, 2004.

KOCH, Ingedore Grunfeld V. A produção textual do sentido. In: VALENTE, André (Org.). *Língua, linguística e literatura*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1998.

\_\_\_\_\_; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Texto e coerência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

NOGUEIRA, Albana Xavier. Pantanal: Entre o apego às antigas tradições e o apelo às mudanças. Albuquerque. *Revista de História*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Ano I, nº 1, 2009.

REYES, Graciela. *Polifonia textual: la citación en el relato literario*. Madrid: Gredos, 1984.

VALENTE, André. A intertextualidade nos discursos midiático e literário. In: PAULIUKONIS, Maria A. L.; SANTOS, Leonor W. dos. (Orgs.). *Estratégias de leitura: texto e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

VIGNER, Gerard. Intertextualidade, norma e legibilidade. In: GALVES, Charlotte; PUCCINELLI, Orlandi; OTONI, Paulo. *O texto: leitura e escrita*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.